

RAÍZES DO FUTURO

Quercus

Há 40 anos, hoje e sempre!



ARENA

ÍNDICE

PREFÁCIO | 9

Compreender para Proteger

INTRODUÇÃO | 15

O Chamamento da Natureza

CAPÍTULO 1 | 27

As Nossas Raízes

CAPÍTULO 2 | 41

A Floresta de Pessoas

CAPÍTULO 3 | 89

Projetos que Mudam o Mundo

CAPÍTULO 4 | 127

O Futuro que Queremos

CAPÍTULO 5 | 147

Junta-te a Nós

EPÍLOGO | 155

Um Compromisso para o Futuro



PREFÁCIO

Compreender para proteger

MARIA DA GRAÇA CARVALHO
MINISTRA DO AMBIENTE E ENERGIA

No final de 1984, diversas associações ambientalistas de pequena dimensão decidiram juntar-se para criar uma organização que desse escala nacional às suas causas e preocupações. Escolheram chamar-se Quercus, nome científico que designa uma família de árvores entre as quais se incluem os carvalhos, azinheiras e sobreiros, todas nativas do nosso território. Adotaram como símbolos a folha e a bolota de uma dessas árvores, o carvalho-negral.

Desde a primeira hora, com esta imagem simples, mas poderosa, a Quercus marcou uma forte posição de defesa do património natural de Portugal, numa época em que, por interesses comerciais ou pura negligência, o país começava a confrontar-se com a proliferação de espécies não-nativas, vegetais e animais. Um problema para o qual ainda hoje continuamos a procurar soluções.

Pode dizer-se, sem qualquer tipo de exagero, que o surgimento e afirmação da Quercus marcou um ponto de viragem para a causa ambiental no nosso país. Não foi a primeira grande organização do género – a Liga para a Proteção da Natureza já existia desde 1948. Os seus dirigentes não foram os primeiros a batalhar para trazer estes assuntos para o debate público – personalidades como Gonçalo Ribeiro Telles e Carlos Pimenta já tinham desbravado esse caminho, sendo, de resto, posteriormente homenageados com o Prémio Quercus.

Contudo, apesar do trabalho meritório de diferentes entidades e indivíduos, a verdade é que antes da Quercus as questões ambientais eram essencialmente um tema de nicho no nosso país. Um tema que passava ao lado da maioria da população. A Quercus ajudou a incutir nos portugueses, antes de mais nada, o orgulho pelo extraordinário património natural de Portugal. Orgulho dos nossos ecossistemas, orgulho das nossas paisagens, orgulho da nossa biodiversidade. E a isto conseguiu acrescentar, paulatinamente, sem demagogias, sem abordagens agressivas, um sentimento de responsabilidade coletiva pela proteção e preservação desse património.

O engenheiro florestal senegalês Baba Dioum, pioneiro das causas ambientais no continente africano, afirmou: «No final, só conservaremos aquilo que amarmos, só iremos amar aquilo que compreendermos e só iremos compreender aquilo que nos for ensinado». A Quercus – se inspirada ou não por estas palavras, não sei dizer – fez isto mesmo. Apostou na pedagogia, explorando todas as plataformas disponíveis, nomeadamente a televisão, para dar a conhecer melhor aos portugueses o que se pretendia que amassem e protegessem.

Fez o seu papel, também, intervindo no espaço público, nomeadamente junto das empresas e dos decisores políticos, com exigência e escrutínio permanente, mas também preferindo sempre uma abordagem construtiva, colaborativa, à mais simples mas, menos eficaz censura.

Muitos comparam a Quercus à Greenpeace, fundada em 1971, e existem de facto alguns paralelismos na forma como ambas entenderam desde o início a importância da comunicação, de estar presente nas notícias, de entrar em casa das pessoas, para fazer avançar as mensagens.

No entanto, enquanto a Greenpeace favoreceu as ações espetaculares, controversas, não hesitando em retratar como vilões determinadas pessoas e entidades, o que lhe foi valendo muitos anticorpos, a Quercus apostou sempre numa comunicação pela positiva, denunciando, mas apontando caminhos, exigindo, mas aconselhando e participando na construção de soluções.

Há quem defenda, nos tempos que vivemos, o recurso a soluções mais musculadas, por vezes mesmo belicistas, para fazer passar as mensagens. Eu compreendo a angústia e frustração daqueles, sobretudo os mais jovens que, confrontados com a ameaça global das alterações climáticas, esperam e exigem que as coisas evoluam a outro ritmo.

Continuo a acreditar que a melhor forma de conseguir a mudança é mobilizando e envolvendo as pessoas, sobretudo aquelas que precisam de ser mobilizadas. Sobretudo aquelas que precisam de compreender para amar e proteger.

É isso que a Quercus tem vindo a fazer e muito graças à Quercus, sem com isto menorizar o empenho de outras personalidades e entidades dedicadas às causas ambientais, que Portugal é hoje um país infinitamente mais consciente e proativo nestas matérias do que era há quarenta anos.



INTRODUÇÃO

O Chamamento da Natureza

Há momentos em que o tempo parece suspenso quando nos permitimos sentir com mais atenção aquilo que nos rodeia. A brisa nas folhas, o pulsar das marés, o canto de um pássaro, o verde vibrante dos nossos bosques, a delicadeza das pétalas de uma flor ou a complexidade de um minúsculo inseto – sinais de um mundo vivo, generoso, mas profundamente ameaçado.

Este livro começa aqui, no lugar onde o som da natureza, e todos os seus estímulos, se tornam um chamamento. Um chamamento à consciência. Um chamamento à ação.

Na longa existência do nosso planeta, várias mudanças têm acontecido desde as mais subtis às mais profundas e/ou abruptas, que conduziram ao desaparecimento em massa das espécies existentes. Pacientemente, ao longo de milhões de anos subsequentes, novas espécies evoluem e novas interações moldam a paisagem.

Até ao aparecimento da nossa espécie, *Homo sapiens*, há cerca de 200 mil anos, apesar de termos, de forma genérica, quase todas as características atuais em termos anatômicos, passaram muitos milénios para em termos tecnológicos desenvolvermos instrumentos rudimentares de pedra, até à sedentarização com o advento da agricultura e domesticação de animais das primeiras comunidades humanas que marcou a passagem do longo paleolítico ao neolítico, por volta de 10 mil anos a.C.

Segundo *Jared Diamond*, pensador e autor polifacetado abrangendo áreas como antropologia, ecologia e biologia evolutiva, efetivamente os momentos a que chama de «grandes saltos em frente» na nossa espécie têm-se sucedido de forma cada vez mais acelerada. Desde o primeiro «grande salto em frente» que foi a domesticação de plantas e animais, bastaram apenas alguns milénios para que surgisse uma sucessão de invenções – ferramentas, armas e tecnologias como a roda, inventada por volta de 3.500 a.C. – que permitiram às sociedades que as desenvolveram atacar outras, bem como defender-se com maior eficácia.

Estas circunstâncias levaram ao aumento progressivo da população, que exigiu outro «grande salto em frente»: organização social. Sociedades mais populosas com especialização, hierarquias, adquiriram maior capacidade de conquistar sociedades mais primitivas sem estratégias militares, por exemplo.

A abundância de recursos naturais – como minérios, madeira, solo arável, água, entre outros – tem desempenhado um papel essencial neste processo vertiginoso de transformação. O intervalo temporal entre diferentes épocas históricas, que antes se media em séculos, reduziu-se a meras décadas e, atualmente, percebemos – até pelo ritmo, ainda, acelerado das nossas próprias vidas – que a cada ano surgem inúmeras inovações tecnológicas, é produzida uma quantidade crescente de artigos científicos e outros conteúdos.

Em concreto, no território que hoje corresponde a Portugal, a escassez de água é, porventura, uma das consequências mais visíveis do avanço das atividades humanas destrutivas da paisagem, iniciado há vários milénios com a instalação das primeiras comunidades. A floresta primitiva foi-se tornando progressivamente mais esparsa. Com os

Descobrimientos, no século XV, deu-se um período de intensa destruição da floresta nativa, sobretudo pelo abate de carvalhos para construção naval, sem que houvesse qualquer programa de recuperação – antes pelo contrário. Já no século XX, assistiu-se a campanhas estatais de plantação de pinheiros, seguindo-se, a partir da década de 1970, um processo de eucaliptização.

A conjugação destas profundas alterações do coberto vegetal – e consequente perturbação do ciclo da água – com o agravamento das alterações climáticas conduziu-nos ao fenómeno dos piroverões.

Simultaneamente, nas últimas décadas até à atualidade, tem-se assistido à intensificação de várias ações destrutivas, como a expansão urbana, o alargamento da agricultura intensiva, a construção de barragens, a exploração de recursos minerais (pedreiras e minas) e a proliferação de infraestruturas diversas – estradas, linhas elétricas, centrais fotovoltaicas, entre outras – que continuam a delapidar um território português já profundamente empobrecido.

Esta aceleração tem inevitavelmente desencadeado uma série de consequências, das quais vamos tomando consciência à medida que observamos o rasto de destruição e poluição deixado pela sobreexploração dos recursos.

No entanto, porque a Natureza é intrinsecamente abundante, temos também o poder de gerar impacto positivo no planeta – e essa transformação já começou a acontecer!



A relevância do papel de 40 anos da Quercus na causa ambiental: ousar agir!

Com o despertar da consciência ambiental, nasce a Quercus, há 40 anos. Como uma voz da consciência coletiva, um eco coletivo de inquietações e compromissos.

Logo nos primeiros anos da sua fundação, em 1985, a Quercus é pioneira em vários projetos e dinâmicas de conservação da natureza, assumindo um papel interventivo no território.

Para proteger as aves de rapina, em 1986 são criados os primeiros alimentadores de abutres na região de Castelo de Vide (Portalegre) e, em 1987, têm início as campanhas contra a eucaliptização do país. À medida que vão sendo criados núcleos regionais em todo o país, incluindo a Madeira e os Açores, em 1988, a Quercus é pioneira na criação de uma rede nacional de microrreservas biológicas em Portugal (pequenas áreas protegidas com uma gestão dirigida à conservação de *habitats*, fauna, comunidades vegetais e endemismos botânicos raros ou ameaçados). Ainda nesse ano, é lançada a campanha pela criação do Parque Natural do Tejo Internacional.

Em 1992 é promovida a aquisição de diversas parcelas de terrenos importantes em termos de conservação da natureza na área do Tejo Internacional, que culminariam com a aquisição do Monte Barata, no mesmo ano, situado nas freguesias de Monforte da Beira e Malpica do Tejo, concelho de Castelo Branco, passos estes relevantes para a criação, anos mais tarde, do Parque Natural do Tejo Internacional, a 18 de agosto de 2000.

**Ainda na década de 1990, a Quercus dá passos significativos
na construção e funcionamento de três Centros de Recuperação** }

de Animais Selvagens (CRAS): CRASSA (em Santo André), CERAS (em Castelo Branco) e CRASM (junto à Serra de Montejunto), que entram em funcionamento em 1996, 1999 e 2007, respetivamente.

No início do milénio, concretamente em 2003, nasceu o projeto Linhas Elétricas e Aves, cujo principal objetivo foi identificar as linhas aéreas de alta e média tensão localizadas em áreas classificadas, promovendo a sua correção com medidas anti-colisão e anti-eletrocussão. Esta iniciativa surgiu no âmbito de uma parceria entre a EDP, o então *Instituto de Conservação da Natureza* (ICN) e a *Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves* (SPEA), formalizada através do primeiro Protocolo Avifauna. Em 2014, junta-se a esta parceria uma terceira ONGA: a *Liga para a Proteção da Natureza* (LPN).

Já em 2008, emergem projetos de relevo centrados na reflorestação com espécies autóctones. Entre eles destaca-se o projeto *Criar Bosques*, bem como o GreenCork, apoiado pela Amorim e pelo Continente, que implementou um sistema inovador de recolha de rolhas de cortiça. Este projeto alia a sensibilização ambiental ao programa *Green Cork Escolas/IPSS*, permitindo, por sua vez, o financiamento do projeto *Floresta Comum*, também gerido pela Quercus, que disponibiliza anualmente uma bolsa de plantas autóctones, produzidas nos viveiros do ICNF – *Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas*, e que conta com o patrocínio da REN – *Redes Energéticas Nacionais* e o apoio institucional da Associação Nacional de Municípios Portugueses.

Quarenta anos depois do início da atividade da Quercus, estes projetos continuam ativos e em constante evolução. Muitos outros têm vindo a surgir, respondendo aos novos desafios ambientais com inovação e compromisso.

Atualmente, a Quercus gere três *Centros de Alimentação de Aves Necrófagas* (CAAN), cuja manutenção depende das condições de financiamento disponíveis. Os três *Centros de Recuperação de Animais Selvagens* (CRAS) integram a *Rede Nacional de Centros de Fauna Selvagem*, criada pela Portaria n.º 1112/2009, e têm registado melhorias sucessivas. Estas melhorias refletem-se tanto nas condições de reabilitação – asseguradas por uma equipa técnica permanente – como na oferta de oportunidades de voluntariado, estágios e ações de educação ambiental. O apoio do Fundo Ambiental, iniciado em 2018, foi um marco importante que impulsionou esta evolução.

A Rede de Microrreservas encontra-se atualmente em reformulação, prevendo-se a integração de novas áreas. Já o projeto Linhas Elétricas, desenvolvido em parceria com a atual E-REDES (do grupo EDP) e outras entidades, tem vindo a consolidar-se. Neste âmbito, está em curso o projeto LIFE PowerLines4Birds, que visa reduzir o impacto da eletrocussão e da colisão com linhas elétricas em sete espécies prioritárias de aves particularmente vulneráveis a esta ameaça.

Em 2024, teve início uma nova fase na gestão da Reserva Natural do Monte Barata, com a inauguração de uma unidade de alojamento turístico. A intervenção envolveu a reabilitação de estruturas existentes e a construção de novas infraestruturas, criando condições para acolher programas científicos e atividades de turismo na Natureza.

Novos projetos têm vindo a emergir com foco nos contextos urbanos, promovendo o envolvimento de autarquias locais e comunidades escolares.

O ano de 2024 marca, assim, a criação da primeira *Rede de Escolas Amigas dos Polinizadores*, no âmbito do projeto *SOS Polinizadores*, desenvolvido em parceria com a Jerónimo Martins, bem como o arranque da iniciativa *Jardins Biodiversos Colaborativos*.

O que começou como uma reação a agressões ambientais visíveis e os primeiros passos pela conservação da natureza evoluiu para uma intervenção mais abrangente, que questiona os sistemas económicos, os modelos de consumo e as formas de exercício do poder.

Ao longo de quatro décadas, a Quercus tem sido protagonista de uma ação ambiental determinada, diversificada e profundamente enraizada no território. Para além do trabalho de campo, a sua intervenção estende-se à educação ambiental, à denúncia de crimes ecológicos e ao acompanhamento crítico e construtivo das políticas públicas em áreas essenciais como resíduos, energia, água, floresta, alimentação, agricultura, pesticidas, OGM (*Organismos Geneticamente Modificados*), ruído, qualidade do ar, alterações climáticas, ordenamento do território, consumo sustentável e direito do ambiente.

O reconhecimento do impacto deste percurso teve um marco importante em 1992, com a atribuição do Prémio Global 500 das Nações Unidas e do título de Membro Honorário da Ordem do Infante D. Henrique pelo Presidente da República, Dr. Mário Soares. Desde então, a associação soma 17 prémios e distinções nacionais e internacionais, tendo-lhe também sido reconhecido, a 29 de maio de 2000, o estatuto de entidade de utilidade pública.

A construção deste caminho assenta num ecossistema de parcerias – com organizações congéneres a nível regional, nacional e internacional,

com empresas, instituições acadêmicas e entidades públicas. Alianças fundamentais para robustecer objetivos comuns e ampliar o alcance da ação.

Atualmente, a linguagem da justiça climática une gerações: aqueles que, nos anos 80, deram os primeiros passos pela defesa da natureza e os jovens que hoje erguem cartazes nas escolas, exigindo um futuro habitável . Quarenta anos depois, é essa continuidade – feita de sonhos, coragem e ação – que dá sentido ao presente. São as pessoas que ousaram começar, mesmo sem todas as respostas, que abriram caminho para o ativismo ambiental dos dias de hoje.

O futuro constrói-se agora, com resiliência e criatividade, reinventando abordagens que promovam maior proximidade com a população e envolvam todos os setores da sociedade. Entre passado e presente, a mensagem mantém-se clara: uma ação coletiva, persistente, coerente e plural é essencial para garantir que o futuro se escreva não à custa do planeta, mas na edificação de uma sociedade justa, solidária e regenerativa.

Vivemos um tempo de urgência. As alterações climáticas deixaram de ser uma ameaça longínqua – são uma realidade sentida na pele, com impactos diretos na saúde, na economia, nos territórios e na paz social mas também vivemos um tempo de possibilidades. Temos mais conhecimento, mais ferramentas e mais gente empenhada em mudar o rumo: da ciência ao ativismo, da agricultura regenerativa às comunidades energéticas, das escolas verdes aos tribunais ambientais. As sementes da transformação estão lançadas. É necessário continuar a regá-las com vontade política e compromisso coletivo.

Este livro é mais do que um registo de memória. É uma ponte entre passado e futuro, entre reflexão e ação. É um convite aberto a todos aqueles que acreditam que o mundo pode ser diferente – mais justo, mais verde, mais solidário. Cada página conta uma história, partilha uma experiência, inspira uma mudança e cada leitor é chamado a ser protagonista.

É, também, um tributo. Um reconhecimento a quem já respondeu ao chamamento: aos fundadores da Quercus, aos voluntários anónimos, aos técnicos, professores, cientistas, jornalistas, estudantes e cidadãos comuns que, ao longo de 40 anos, disseram «sim» à defesa da vida. O seu trabalho continua em fluxo, inspirando novas gerações a agir com consciência e coragem.

O chamamento está feito. A resposta continua!



Em celebração do 40.º aniversário da Quercus, nasce este livro. Muito mais do que um registo de memória, é um chamamento à consciência e um convite à reflexão e à ação. Um convite aberto a todos aqueles que acreditam que o mundo pode ser diferente — mais justo, mais verde, mais solidário.

As histórias de protagonistas de agora partilham experiências pessoais de superação e propósito de vida, que se fundem com a história coletiva da Quercus e projetam a sua ação transformadora.

Porque a Natureza é generosa e abundante, está do nosso lado o poder de respeitá-la para regenerar o planeta, nas suas várias dimensões: cada ser humano, a sociedade e o território.

O futuro constrói-se agora, com resiliência e criatividade. Uma criação que se faz com ousadia e ação coletiva criativa, persistente, coerente e plural. E essa criação já está a acontecer.

Cada ação conta. E cada leitor é chamado a ser protagonista.

O chamamento está feito. A resposta continua agora!

MECENAS PRINCIPAL:



MECENAS DO LIVRO:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
f penguinlifestylept
penguinlivros

ISBN: 978-989-589-538-0



9 789895 895380